E não vejo eu difficuldades reaes que possam oppor-se á realização d'este grande pensamento. A utilidade d'elle tenho a convicção de que será universalmente reconhecida: que faltará pois? A resolução para lhe dar o primeiro impulso? Ou faltará um nome retumbante para chocalho?... Pois andaremos nós sempre e para tudo atrelados ao prestigio dos nomes? Quaes são entre nós esses nomes que mereçam prestigio? E se os ha, analysemos uma vez o valor d'elles. Porque modo foram quasi todos elles adquiridos? Em geral, que teem elles feito a favor do paiz com abgnegação e sinceridade?.. Desenganemo-nos. Deixemos as pessoas, vamos direitos ás coisas. Sigamos o impulso das que forem boas, venha este de quem vier. Todo o nome começa uma vez. Tapemos pois os ouvidos á matinada dos cascaveis dos truões das praças; elevemos o espirito á contemplação das nossas immensas necessidades, consideremos no modo de lhes dar remedio, e não nos deixemos embair da idea de que de um ou d'outro nome está so dependente a felicidade pública.

CODIFICAÇÃO DAS POSTURAS MUNICIPAES E LEGISLAÇÃO.

696 Parece que a commissão municipal do Porto escolhêra d'entre si cinco membros para curarem de rever, alterar, reformar, addicionar e codificar, emfim, todas as posturas municipaes d'aquella cidade, para serem impressas depois de competentemente aprovadas.

Em quanto a mim este trabalho é a todos os respeitos util e importante; e muito é de desejar que a Exm.ª Commissão municipal de Lisboa tome egual disposição, fazendo preceder tudo de uma introducção em que se mostre, e se faça evidente a todos os cidadãos a necessidade e justiça com que por boa policia, hygiena-publica, e interesses geraes do municipio se teem tomado as providencias que fazem o objecto das mesmas posturas.

A codificação e publicação d'estas é ainda no meu intender, uma necessidade publica. Os cidadãos precisam e devem ter todos os regulamentos municipaes que lhes cumpre observar, postos em corpo, organizados n'um complexo, onde facilmente os possam consultar, e de que estejam prevenidos para fiel execução de taes regulamentos. A falta d'esta codificação obriga as camaras a repetir numerosas vezes as mesmas posturas, que tornam outra vez a relaxar-se, a esquecer-se, e que no anno seguinte é preciso renovar de novo; e dentro d'este circulo vicioso tem gyrado sempre a administração municipal, com grave detrimento d'ella, indisciplina de seus administrados, e avultada despeza, porque essas reimpressões etc., a que dá causa a renovação das mesmas posturas, sommam em tempo muito maior quantia da que se hade despender com a publicação de um codigo municipal permanente e d'outras grandissimas vantagens.

Além d'isso, o povo precisa ser instruido e esclarecido na maior parte dos objectos ou causas das posturas que se lhes impoem. Elle não intende, por exemplo, nem se accommoda com a defensa de se passar carregado por meio de uma praça, ou por cima dos anditos; de não podêr atravessar uma sege por certo sitio; de não gozar da faculdade de vender tudo em toda a parte etc. etc. É por isso pois que eu desejaria a codificação das postura precedida de um trabalho, que abrisse os olhos ao povo, o doutrinasse, e lhe provasse a utilidade de certas defensas, e a impropriedade de alguns usos. O povo parece-lhe que certas prohibições que se lhe prescrevem são attentatorias contra a sua liberdade. Não comprehende o alcance de taes e taes providencias, e quando os abusos estão inveterados não se largam facilmente, e muito menos com violencia. Á fôrça das coisas se lerem, se ouvirem e se fallarem, calam afinal pouco a pouco na intelligencia e na convicção quando são razoaveis.

E não queiram redarguir-me com a quartada de que esse povo não le, e que os exemplos que eu tomei sahiram principalmente da classe menos illustrada da nação. O homem do povo que não le sempre recebe conhecimento das coisas, de ouvida, ou pelas conversas a que a vulgarização d'essas coisas dão motivo. E um trabalho d'estes, que andaria forçosamente pelas mãos de todos e a toda a hora, havia de acabar por produzir os mais saudaveis effeitos. Mas não é so a gente da última classe que desconhece as conveniencias de muitas providencias tomadas pelas camaras; eu tenho ouvido ralhar de algumas das mais uteis, por ignorancia dos motivos que lhes são causa, falta d'intelligencia do verdadeiro fim d'ellas. Fazer proceder tambem cada nova postura de um relatorio conciso e claro em que esses motivos se exponham, ja se ve pois que é do mesmo modo uma consequencia do que digo

Infelizmente porém não é so da codificação das posturas municipaes que nós carecemos; o paiz necessita ainda mais não so de diversas codificações de providencias legislativas especiaes; mas tambem de alguns codigos peculiares de absoluta urgencia para complemento da nossa organização social. A incrivel profusão de leis que compoem a nossa *sciencia do direito*, tem chegado n'este ultimo tempo ao estado cahotico; de modo que será difficil ao jurisconsulto mesmo o mais exercido, atinar promptamente com uma boia de salvação no meio d'este *mare magnum* de leis, decretos, portarias etc. E por outro lado, onde está um codigo civil, um codigo penal e ainda outros mais especiaes de que tanto se carece, como por exemplo, um codigo rural?

Evidentemente este assumpto deve ser tomado em mui séria consideração. Eu creio que ha uma ou mais commissões nomeadas, para a confecção de não sei que codigo; mas de ordinario éstas commissões gratuitas e muito trabalhosas, não produzem quasi nunca resultados satisfatorios. O objecto exige maior energia e attenção. E de prompto; porque realmente não póde haver organização sem um systema organico completo, e eu não sei onde param essas leis organicas, essenciaes á constituição ou primeira lei fundamental de um estado, para complemento do nosso codigo politico. Se a necessidade absoluta de organizar se quizer emfim, reconhecer, ninguem negará que não sejam es'

SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: Liga promotora dos interesses materiaes do paiz — Codificação das posturas municipaes e legislação — Das causas que tem influido no andamento da civilização nos diversos paizes do mundo (*continuação*) — Zoologia domestica (I, O boi e a vacca, *conclusão*) — Telegraphia-electrica — Carris-de-ferro — Somnambulismo — PARTE-LITTERARIA: O rei Arthur e os cavalleiros da Tavola-redonda — Descubrimento da ilha da Madeira (Romance-historico, 1.º capitulo) — A Saragoça (Poesia. *Traducção do hispanhol* precedida de uma carta á REVISTA) — Nova-eschola d'architectura (Bellas-Artes). — VARIEDADES. Modas — Correio-Extrangeiro-Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

695 A Inglaterra, a primeira das nações industriaes, que marcha na vanguarda de todas as outras e lhes serve de exemplo no modo por que se hão de promover os interesses materiaes de um paiz, acaba de alcançar uma victoria estrondosa n'este sentido, e de excitar o resto do mundo a seguil-a, imitando-lhe os meios, com que cada uma das outras nações póde promover, segundo as suas necessidades, os beneficios de que os povos carecem. A liga da liberdade do commercio, fundada n'aquelle paiz por um espirito tenaz, pensador e illustrado, veio a conseguir, emfim, que um governo composto de homens de um partido que por seus interesses privados era contrario aos principios proclamados pela liga, fosse todavia obrigado a prestar-lhe homenagem, dentro em poucos annos, confeccionando um corpo de legislação economica para satisfazer as exigencias da liga.

Na França, ja este nobre exemplo produziu os seus forçosos resultados. Uma liga para o commercio livre começa agora a estabelecer-se n'aquelle paiz; e conta com o apoio dos homens mais illustrados d'elle.

Nós estamos mui distantes d'estas duas grandes nações, que repartem e dominam entre si o mundo pela sua influencia; mas essa distancia não é razão para lhes não seguirmos os exemplos n'aquillo em que estes nos podem aproveitar, accommodando-os ao nosso estado e necessidades presentes.

Portugal é um paiz de immensos recursos, mas que estão quasi todos por explorar ainda. O seu solo está por assim dizer virgem, a sua industria envolta nas fachas da infancia, o seu commercio decahido, porque variaram de todo as condições que o haviam feito outr'ora grande.

Os nossos conhecimentos agricolas, industriaes, commerciaes — e economicos, emfim, são limitadissimos, e estão muito áquem dos outros da mesma especie nos demais paizes. Todos os dias vemos commetterem-se erros n'estas especialidades, desde os governos até aos particulares, reprovados ha muitos annos n'outras nações. Parece que não comprehendemos ainda o que hoje é uma nação, nem como nos devemos de haver no estado actual do mundo.

Sem que haja ésta comprehensão, este estudo — o preenchimento de um certo *vacuo* que o nosso instincto nos diz existir na nossa sociedade; mas que se não sabe bem em que consiste e que debalde se tem recurso á *politica* para encher, procurando assim vagamente a felicidade sem a encontrarmos nunca — a nação não póde prosperar sejam quaes forem os esforços de governantes e governados. Não é isto aconselhar que sejamos indifferentes á postergação dos nossos direitos politicos; é insinuar apenas que devemos procurar n'outra parte, que não na politica, o remedio efficaz do voraz cancro que nos roe. A nossa prosperidade radical, geral e duradoira, é necessario buscal-a em nós mesmos, tiral-a do material do paiz que nol-a póde dar, solicital-a da illustração de que carecemos, demandal-a, emfim, aos mesmos meios porque os outros povos a teem sabido grangear. Dos governos devem vir os impulsos da prosperidade pública, é certo; mas as indicações competem ao povo.

Foi sem dúvida penetradas d'este pensamento tão grandioso como verdadeiro, que algumas pessoas hão concebido a idea de crear em Portugal uma vasta *liga promotora dos interesses materiaes do paiz*. Ésta liga sería composta de todos os proprietarios, homens intelligentes e classes do commercio, que para ella quizessem subscrever. N'esta liga toda patriotica não haveria partidos, nem entraria politica: o seu programma rigorosamente exclusivo sería trabalhar pela prosperidade pública. Os coligados fariam suas reuniões públicas e tractariam dos meios de realizar os seus fins, pelo modo que seus estatutos designassem. Estes estatutos seriam previamente organizados pelos vinte e cinco primeiros subscriptores, e levados á sancção do governo, etc.

Comeffeito, se se conseguisse reunir a propriedade, a intelligencia e o commercio do paiz, n'uma grande associação ligada pelos interesses communs, quem hesitaria em crer que o paiz estava salvo, e a sua prosperidade cimentada por uma vez?

tes, de que ainda carecemos, os elementos de uma boa organização social.

DAS CAUSAS QUE TEEM INFLUIDO NO ANDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO NOS DIVERSOS PAIZES DO MUNDO. [*]

697 As causas que teem subjeitado a acção da maior parte das circunstancias locaes ao cumprimento de certos progressos sociaes teem tido resultados bem dignos de attenção. A civilização so tem avançado mudando muitas vezes a séde de seus progressos. Não é nos logares em que se passou a sua infancia que ella tem continuado a crescer; cada uma das suas transformações successivas tem sido effectuada em residencias novas, como que se as vantagens que aproveitaram aos logares onde acabou de florescer so lhes podessem servir em um certo periodo de crescimento: ou ainda, como que se nos paizes em que ella tem feito as suas mais recentes conquistas se não podessem realizar as suas outra-conquistas anteriores, e se não tivesse ahi estabelecido ou proseguido o seu desenvolvimento senão porque quando la chegou ja possuia fôrças que n'esses logares não poderia adquirir. Pelo menos é isto que certificam os factos. A civilização tem vindo do Meio-dia para o Norte, do interior dos continentes para o littoral dos mares, aperfeiçoando-se em todas as estações da sua jornada, ajunctando sempre novos recursos, novas luzes, e subjugando, á proporção que se tornava mais poderosa, os obstaculos que primeiro a tinham demorado, e até mesmo tirando d'elles novos elementos de vida e prosperidade. É este um edificio cuja construcção é devida ao concurso successivo de mui diversas mãos. As nações que lhe fizeram os primeiros caboucos não são as mesmas que o continuaram, e as que o tem continuado não poderam conseguir dar-lhe maior elevação senão porque o acharam ja n'uma altura a que ellas mesmas o não teriam podido levantar primeiro.

Consultai a historia, vereis que ella attesta e justifica plenamente éstas asserções.

No mundo antigo, a civilização não apparece a principio senão em pequeno número de pontos onde a suavidade do clima, a fertilidade natural do solo, e a abundancia dos meios de nutrição facilitavam a juncção das familias e os ensaios da arte agricula. Nas planicies banhadas pelo Tigre e o Euphrates, pelas margens dos grandes rios da Asia oriental e pelos valles da Ethiopia, foi onde ella teve o seu primeiro impulso. Ja se haviam multiplicado as populações, e concentradas, fixadas n'esses bellos paizes, ja ellas la cultivavam a terra, e ainda a vida selvagem reinava em todos os paizes de clima menos tepido e menos fecundo.

Assim tambem na America, antes da chegada dos europeus não havia la sociedades organizadas e começadas a policiar senão nas latitudes meriodinaes. O valle de Quito, os montes do Mexico e do Candinamarca eram focos de uma civilização que nascia e que havia de chegar a diffundir-se e lançar os seus raios em todas as direcções, se lhe fôra dado podêr amadurar-se n'um hemispherio em que a especie humana, privada de animaes domesticos, carecia do auxilio mais essencial ao bom exito de seus esforços.

Na sua marcha para o Norte, a civilização avançou de vizinho em vizinho, medindo, por assim dizer, o tammanho dos seus passos pela somma da fôrça que ia adquirindo. Nos paizes onde os hinvernos longos e rigorosos suspendem a vegetação, pesam sôbre seus habitantes muitos soffrimentos e privações para elles poderem multiplicar e illustrar-se de prompto, e as luzes so muito a custo e vagarosamente la poderam penetrar.

É até um facto, que sob as latitudes temperadas ou frias nenhuma sociedade se desligou so por suas proprias fôrças do jugo da barbaria originaria. Sempre tem sido preciso que os conhecimentos de que ellas necessitavam para triumphar dos obstaculos que se oppunham ao seu desenvolvimento lhes viessem de paizes mais meridionaes. D'este modo sahiram do Egypto e da Phenicia os homens que vieram á Grecia derramar as primeiras sementes da civilização; elles transplantaram para a terra que as não podêra fazer brotar as artes que lhe deviam fecundar os recursos; e, graças ao desenvolvimento que la receberam, a Grecia não se demorou a deixar atraz de si os paizes de que recebêra o ensino sem o qual continuaria a vegetar na ignorancia e penuria.

Depois de haver dilatado e multiplicado as luzes que recebêra das nações da Africa e da Asia, a Grecia por sua vez as importou na Sicilia e na Italia. Á imitação dos phenicios, deu-se ao commercio maritimo, e as colonias que fundou pelo littoral do mediterraneo tornaram-se novos centros de riqueza e civilização.

Tambem se póde affirmar que sem as leis recibidas de Roma as nações que hoje occupam o logar mais nobre, jazeriam por muito tempo no estado inculto que continuou a subsistir além do Rheno e dos Alpes. As artes, ás regras, aos trabalhos que lhes imposeram exigentes senhores, se deveram todos os melhoramentos effectuados na sua situação. É visivel, porém, que a civilização do mundo romano não tinha a madureza necessaria para crescer per si so no occidente da Europa. Nem os conhecimentos, nem as descubertas de que ella dispunha offereciam ás populações os meios de terminar deffinitivamente, em proveito seu, a lucta que tinham a sustentar contra a severidade compressiva do clima; e quando os barbaros do Norte chegaram, a civilização incapaz ainda de reagir contra esse aballo, recuou, deixando apenas mui poucos vestigios das suas antigas conquistas.

Sob o ceu da Italia foi ella refugiar-se. Alli se reuniam as diversas condições, ou, antes, as mais conformes com as exigencias do seu crescimento. Venesa, Genova, Piza, Florença, outras cidades mais, vieram a ser o theatro das suas novas conquistas: e la adquiriam ellas uma grande fôrça que não so lhe permittiu refluir para o Occidente e Norte da Europa; mas ainda de la crescer em toda a liberdade. Do decimo quarto seculo para ca, as nações derramadas pela França, Allemanha, e Inglaterra, avançaram com passos rapidos e firmes. Armadas com os meios de vencer as resistencias do solo e do clima, applicaram-se com ardor aos trabalhos cujo bom exito era certo então; as circumstancias que precedentemente tinham operado como obstaculos transformaram-se em elementos,

[*] Continuado de pag. 78.

em motivos de actividade, e essas nações não cessaram mais de augmentar em industria e riqueza.

Facilmente se conhece que as vantagens proprias das situações não appareceram todas logo na infancia das sociedades. A navegação não podia ser exercida senão depois de muitas tentativas, e as artes cuja prática ella exigia não podiam nascer senão nas povoações em que o uso de cultivar a terra tinha dado algumas commodidades. É porém de notar que assim como são os paizes em que a humanidade tem chegado a alcançar o fastigio da fortuna, os logares maritimos, tambem foram mais tempo do que os outros morada da fraqueza e da miseria. Ou fosse porque o mar circumscrevesse demais o espaço em que as raças selvagens necessitavam desenvolver-se, ou fosse porque lhes offerecesse meios de subsistencia tam faceis que lhes escusassem o trabalho da cultura, o certo é que os povos estacionados pelas costas teem sido os ultimos a civilizarem-se. Na America assim como no antigo mundo, foi no interior das terras que a civilização começou a apparecer; e so se arreigou pelo littoral quando ahi foi transplantada pelos povos que la chegavam senhores dos conhecimentos adquiridos n'outros logares.

Não foi por exemplo pelas costas do mediterraneo que se fez a educação dos povos que primeiro ousaram cobril-as com seus navios. Estes povos de origem armenia tinham residido muito tempo nas ferteis campinas da Assyria; o seu tirocinio naval começado nas aguas do Euphrates e do Tigre, foi continuado entre as ilhas do golfo persico, e ja a sua civilização era vigorosa quando se vieram estabelecer nas costas da Phenicia. Senão vejamos os gregos: decerto que nenhuma outra nação da antiguidade se mostrou mais inventora e ingenhosa, e comtudo foi necessario que os navegantes de Tyro lhes ensinassem os primeiros preceitos da arte que vieram a exercer depois com tanto esplendor e superioridade.

E não vejamos n'isto simples acasos historicos. Tracta-se, pelo contrário, de um facto que se reproduziu com uniformidade demais para podêr deixar de ser resultado de causas geraes. Em toda a Asia, os centros mais remotos da civilização formaram-se longe da praia dos mares; e nos logares em que elles foram é que se fizeram as descubertas com cujo auxilio a navegação se tornou possivel. Assim tambem na Europa, nem os habitantes das costas d'Hispanha, nem os das costas da Gallia sahiram do estado selvagem assim que viram surgir os navios de Tyro e da Phocida. Por último, á longa presença das frotas romanas nas suas vizinhanças é que as raças scandinavas deveram a sua iniciação nos conhecimentos que as fizeram tam formidaveis seculos depois.

Estes factos so merecem attenção por causa das luzes que dão ao modo porque se operam as circumstancias que mais teem contribuido para differençar o andamento das sociedades. Atravez das complicações e irregularidades algumas vezes provindas do vicio accidental das instituições, e mais frequentemente ainda da sorte das batalhas, a civilização tem proseguido o seu curso traçado pela diversidade das condições de desenvolvimento necessarias a cada uma das phases que successivamente foi tendo. Depois de haver esgotado as excitações locaes proprias de cada uma das suas idades, não continuava senão pelo impulso de novos motores, e d'ahi veio que umas vezes deixou de ser progressiva nos logares onde acabava de avançar, outras o foi n'aquelles onde ainda não havia penetrado senão muito tarde.

(Continúa.) *H. Passy.*

ZOOLOGIA DOMESTICA.

I.

O BOI E A VACCA. (*)

698 Tem-se observado que estes animaes teem o costume de se lamber, principalmente quando estão descansando; e como isto os não deixa engordar, toma-se o cuidado de esfregar com o seu proprio estrume todos os logares do seu corpo onde elles podem chegar com a lingua. Sem ésta precaução arrancariam o pêlo com a lingua, que é muito aspera, e o engulirlam em grande quantidade; e como o não podem digerir forma nas visceras novellos tão grandes que lhes são incommodos, e nocivos á sua saude: tem-se achado alguns d'estes novellos de 4 pollegadas de diametro, e ½ arratel de pêso.

As vaccas brancas são as que dão mais leite; mas as pretas dão-no melhor. No estio ordenham-se as vaccas duas vezes por dia, e no inverno uma vez so. Para augmentar a abundancia de leite é costume sustental-as com alimentos mais succosos do que a herva. — Todos sabem quão util é o leite para as necessidades do homem: usa-se d'elle de diversas maneiras. O bom leite não é nem muito grosso nem muito claro: o seu pingo deve conservar a forma redonda, e não correr; e deve ter tambem uma bonita brancura: o que deita para amarello, ou para azul, não presta para nada: o seu sabor deve ser doce, sem o minimo amargor, nem acrimonia. É uma bebida sadia, nutritiva e agradavel ao paladar; é melhor no mez de maio e no verão, do que no inverno. O leite compõe-se de tres partes bem distinctas: 1.° a parte de que se fazem os queijos de todas as qualidades: 2.° a de que se faz a manteiga: 3.° a que se chama sôro, que é uma bebida sadia e refrigerante.

Para fazer manteiga costuma-se de ordinario desnatar com uma colher o leite que se poz a coalhar; deita-se ésta nata n'uma vasilha espaçosa larga em baixo e estreita para cima, e bate-se com um pau, em cuja ponta se tem adaptado uma taboinha da largura da bocca da vasilha; e bate-se até que a nata se tenha mudado n'uma substancia amarellada, que é a manteigo; ésta sobrenada, e deixa no fundo um residuo, que se chama almice e serve para dar ao gado.

Para fazer queijo, usa-se d'uma especie de fremento que se chama *coalho*, que existe no estomago do bezerro, e que se secca ao ar; deita-se este coalho no leite de que se quer fazer queijo; depois bota-se nos cinchos para escorrer o almice, e o queijo acha-se feito no dia seguinte. Quanto menos o leite é desnatado melhor é a qualidade do queijo. Em Portugal os melhores queijos são os feitos em Evora e nas abas da Serra da Estrella. Tambem ha queijo Saloio, de Monte-mor, do Alemtejo etc. Ha outros queijos tambem muito estimados, *de Gruyere na Suissa*, o de *Hollanda*, de *Roquefort*, do *Mont-d'Or*, o *Londrino*, o *Parmezão* etc.

(*) Concluido de pag. 54. Por uma inadvertencia não foi concluido este artigo no n.° 5 em que começou; o que não acontecerá aos mais da mesma natureza que se seguirem

O filho da vacca chama-se bezerro, novilho, ou vitello; ella não costuma dar á luz senão um, mas algumas vezes tambem dois. Nos primeiros 5 ou 6 dias deixa-se o bezerro ao pé da mãi, para que esteja sempre quente, e possa mamar o que tiver na vontade. No fim d'este tempo separa-se, porque ja está bastantemente fortalecido, e porque esgotaria a mãi se continuasse a mamar o que quizesse. — Então é sufficiente dar lhe de mamar 2 ou 3 vezes por dia. Para o engordar depressa dão-se-lhe ovos crus, leite fervido e miolo de pão; no fim de 4 ou 5 semanas está bom para comer. Quando se querem vender aos viteleiros deixam-se mamar 30 ou 40 dias, mas quando são para criar devem mamar 3 ou 4 mezes. A carne d'este animal é de muito bom gosto, e de saudavel e excellente nutrição; a sua pelle serve para fazer calçado.

Para matar um boi ou uma vacca, ata-se uma corda nas pontas do animal, e enfia-se por uma argolla firme, pregada no chão; puxa-se por ésta corda até obrigar a cabeça do animal a curvar-se quasi rente do chão; então fere-se no meio da testa com uma choupa pesada, e elle quasi sempre cahe morto ao 1.° ou 2.° golpe. — Os restos do boi e da vacca são tão uteis como a sua carne: a sua pelle curtada e çurrada, torna-se em coiro de que os çapateiros fazem o calçado. As pontas, serradas, torneadas, ou derretidas, servem para fazer bocetinhas, caixas de tabaco, tinteiros, pentes, cornetas, cabos de facas, e outras mil coisas. O fel serve para lavar e tirar as nodoas de gordura das fazendas, e dos vestidos; e os pintores tambem usam d'elle para lavar os paineis. Dos pés se faz muito bom azeite para luz. Os pés, os tendões, e as raspas, fervidos junctos, fazem a grude. Uma parte dos intestinos come-se; e emfim a bosta é um excellente estrume para as as terras, e os camponezes tambem a seccam, e se servem d'ella para o lume. O boi destinado para pai, chama-se Toiro.

(Trad. do Francez.)

TELEGRAPHIA-ELECTRICA.

699 As últimas experiencias feitas por M. Breguet-filho, na linha telegraphica, electrica, de Paris a Rouen, deram os seguintes resultados:

1.° Os signaes podem ser transmittidos simultaneamente de Paris a Rouen e de Rouen a Paris, por dois fios, sem que as correntes se prejudiquem.

2.° Com seis, ou ainda mesmo quatro elementos da pilha de Bunsen, a transmissão da corrente faz-se perfeitamente por um fio-de-ferro.

3.° A transmissão faz-se muito bem atravez d'um fio de cem leguas de comprido com uma pilha de vinte elementos.

4.° Os signaes teem sido transmittidos de Paris a Rouen com uma corrente formada por um so elemento.

Para intelligencia d'este artigo eu creio que os leitores se recordarão d'outro que ha tempo publicou a Revista, explicando o mecanismo do telegrapho electrico.

Os leitores hão de se lembrar tambem, póde ser, de lerem n'este jornal alguma coisa sôbre um projecto de telegrapho submarino que communicasse a França com Inglaterra atravez da Mancha. Este projecto parece que não é chimera, e diz-se que fôra ja approvado pelo almirantado inglez. A sua commissão d'exame querendo assegurar-se por uma experiencia, de que tal projecto era na realidade exequivel, auctorizou os inventoreres a estabelecerem um telegrapho electrico, submarino, conforme o seu systema d'uma a outra banda do porto de Portsmouth, de modo que se podesse communicar o almirante do seu quarto no arsenal com a estação do caminho-de-ferro de Londres em Gosport. Este telegrapho devia de ser disposto nos primeiros dias do corrente julho. Se este ensaio sahir bem, como se espera, o telegrapho submarino não so será estabelecido em maior distancia do que a largura da bahia de Portsmouth, prolongando-o por meio de canos subterraneos, porque elle funcciona tam bem debaixo da terra como da agua; mas será immediatamente applicado ao estreito entre Douvres e Calais, que divide a França da Inglaterra.

Concluirei dando conta dos admiraveis resultados do telegrapho-electrico estabelecido entre Washington e Baltimore, nos Estados-Unidos, para se avaliar quanto é pasmosa esta recente descuberta. Uma das últimas mensagens do presidente ao congresso foi transmittida lettra por lettra, da primeira á segunda d'aquellas cidades, e impressa á proporção n'um jornal de Baltimore. Quando o orador acabava de fallar em Washington o seu discurso corria impresso na distancia de trinta leguas!

CARRIS-DE-FERRO.

700 M. Lawes alcançou um privilegio d'invenção, em Inglaterra, para um methodo particular de propulsão atmospherica. Consiste este novo methodo n'um tubo ordinario perfeitamente cylindrico, collocado entre os carris pelo modo ordinario, com um embolo adaptado a que está prêso uma corda. Ésta corda passa por uma pulia posta na extremidade que está aberta; a outra ponta da corda prende na primeira carroagem de um comboi, e logo que se faz o vacuo ella é impellida para a extremidade aberta do tubo em direcção opposta á do embolo. Por mais simples que este methodo pareça, ainda dá pretexto a algumas das objecções que se teem suscitado contra o methodo de tracção das machinas prêsas com cordas; porque dá occasião a grande atrito; tem necessidade de grande número de roldanas por milha, para as cordas, de sorte que, ainda que simples e economico, este methodo é tam dispendioso como os outros em consequencia dos seus accessorios.

As carroagens articuladas do systema d'Arnoux foram ultimamente experimentadas no carril-de-ferro de Sceaux, expressamente construido para ésta experiencia. O comboi subiu e desceu perfeitamente uma ladeira de 11 millimetros. O caminho-de-ferro n'esta parte differe de todos os traçados até hoje executados.

Tambem os ensaios feitos em Saint-Ouen da valvula Hediard foram muito bem succedidos. A clausura longitudinal do tubo atmospherico deixava ja pouco a desejar, mas as junctas davam ainda logar á entrada do ar, e este inconveniente está remediado inteiramente pela valvula Hediard.

SOMNAMBULISMO.

701 Os jornaes francezes de 30 do passado, dão como realmente acontecido um facto de que vou dar noticia aos leitores, deixando-lhes livre o seu commento. É o seguinte:

Na rua do Hôtel-de-Ville, n.° 44, Paris, um mancebo chamado Dupont, somnambulo de nascença; levantou-se de noite a dormir, abriu a janella, e imaginando, por um effeito errado da sua segunda vista, que poderia passeiar pelo ar muito á sua vontade, subiu ao parapeito da janella, e como se tivesse diante de si uma bella rua plana d'algum bonito jardim, lançou a perna para diante, e... traz! eil-o no meio da calçada cahido de um terceiro andar. No emtanto não se assustem os leitores, os somnambulos parece que são insensiveis á dor, e estão a prova de quedas; o nosso homem achou-se em pé no meio da rua, são e escorreito como se estivera ainda na sua cama, so com a differença de sentir algum frio mais... e ter acordado! O jornal francez entrega o facto á academia de medicina, eu abandono-o ao senso commum.

PARTE LITTERARIA.

O REI ARTHUR E OS CAVALLEIROS DA TAVOLA-REDONDA.

702 O drama *O Alfageme*, ora em scena no theatro nacional, rompe o seu 4.° acto com a canção do rei Arthur e da sua Tavola-redonda, cantada n'um sarau em casa de D. Guiomar. A actualidade assim reproduzida d'esta lenda celebre, dá novo interesse aos romances populares dos cavalleiros da Tavola-redonda, em que ninguem ha decerto em Portugal que não tenha ouvido fallar desde creança; mas que poucos conhecem mais a fundo.

O rei Arthur é comeffeito uma das mais brilhantes creações poeticas da meia-idade, que depressa se derramou por todos os paizes, e foi por assim dizer nacionalizada em todos elles pelo canto de seus trovadores, popularizado de bocca em bocca pelos lares de todas as familias. A origem d'este romance europeu parece ter sido ésta. Um pequeno rei do paiz de Galles em Inglaterra, soube defender corajosamente os seus dominios contra os saxonios seus invasores. Obrando prodigios de valor o bom do rei morre pelejando nos campos da batalha; os extrangeiros tomam posse do seu reino, e uma grande emigração dos nacionaes vai carpir para longes terras as desventuras do seu soberano, e as saudades da patria. A perda da independencia de um povo é sempre um facto com que elle se não póde de boamente conformar: perdida toda a idéa da possibilidade da resistencia, appella-se para a esperança de uma restauração, que, quando não ha melhor fundamento, é apoiada na providencia, soccorrem-se aos milagres, e uma crença muitas vezes ridicula mas respeitavel pelos sentimentos que a inspiraram, toma então nascimento; e tudo parece plausivel quando tractâmos de nos consolar de uma grande desgraça. Eu estou persuadido, que, ainda que em tempos mais illustrados, foi d'este modo que teve origem entre nós a *seita* dos sebastianistas; a lenda do rei Arthur foi seguramente assim. Os fugitivos não queriam crer na sua morte, e tinham fé que a providencia o guardava para tomar, quando fosse tempo, uma grande vingança dos seus oppressores, que lhe usurparam a patria. Ésta fé era alimentada pelas narrações encarecidas ou inventadas sobre o rei Arthur; e por todas as costas da Armorica, por onde, principalmente, aquelles bretões peregrinavam, se ouviam multiplicar os feitos, innobrecer o character, amplificar as forças, cantar emfim os louvores de tamanho heroe.

Mas o heroismo so não bastava para dar assumpto á musa dos bardos, foi-lhes mister tambem o amor; sem o que quasi que se não fazia copla n'aquelles tempos cavalheirescos. Por outro lado, com a fé vem a devoção; e ahi está o rei Arthur objecto de uma interessante epopea, que, na parte religiosa remonta e vai prender nada menos do que com a paixão de Jesus-Cristo. Vejamos como os bardos composeram ésta lenda curiosa.

José d'Arimathea conservára o vaso sacrosancto que serviu á sagrada Ceia, e em que se tinham recolhido algumas gottas do precioso sangue do nosso Redemptor. Este vaso, symbolo da pureza, havia desapparecido; era necessario procural-o e conquistal-o, e ésta empresa formidavel era o fim da ambição e dos feitos dos cavalleiros da Tavola-redonda. A mesma *tavola* de que elles tomavam o nome, era uma imitação da mesa da Ceia do Senhor, o número dos cavalleiros devia ser consequentemente egual áquelle de que era composto o apostollado. Parece que ésta sancta empresa, e tam piedosas imitações, repelliam toda a idea de um amor profano; mas não senhores. Não ha empresa de cavalleiros, nem canto de poetas, sem amor. Cupido, á laia do Judas dos discipulos do Jesus Christo, veio tomar assento entre os cavalleiros da Tavola-redonda; a galanteria do tempo dominou-os, e os religiosos paladinos eram ao mesmo tempo paladinos amorosos, e o que mais é, do amor illicito.

Os trovadores pegaram pois no rei Arthur, e misturaram-no com os cavalleiros da Tavola-redonda. A rainha Genebra, era uma personagem indispensavel n'esta união para sustentar a verdade dos costumes.

Elrei Arthur — O coitado!

viu-se então em triste companhia. O magico Merlim, Lancelote, e outros nomes antigos conhecidos nossos começam a figurar a par do bom rei bretão. A crença do patriotismo degenerou em fabula popular. Por toda a Inglaterra se compunham á porfia coplas ao rei Arthur, aos cavalleiros da Tavola-redonda, á rainha Genebra e a seu pagem Gallehaut, a Tristão e Lancelote, ao rei Marco e á rainha Iseult, etc., de modo que todas éstas aventuras cantadas em longos poemas, vieram a constituir o cyclo mais interessante da poesia popular da meia-idade.

E não foi so na Inglaterra; em todas as linguas então conhecidas na Europa se entoavam d'estas coplas. A França, a Italia, a Allemanha e a Hispanha tomaram conta d'estas lendas poeticas e as modificaram segundo a indole da propria nacionalidade d'ellas.

ROMANCES.

O DESCUBRIMENTO DA ILHA DA MADEIRA.

I

703 Pelos começos do seculo XV, vendo-se o nosso rei D. João I, de boa memoria, ja desocupado das guerras com Castella, e havendo ja conquistado aos moiros a cidade de Ceuta, não quiz, como varão constantissimo, esperdiçar a serenidade da sua republica em o repouso com que licitamente podéra gozal-a, depois do largo trabalho de sua recuperação e defensa;

e assim começou de lançar todas as suas vistas para os descubrimentos e novas conquistas. Foi então que appareceram quasi simultaneamente Gil Eanes, que passou além do Cabo Bojador; Gonçalo de Cintra, que morreu pelejando com 200 moiros, na ilha de Arquim em uma angra, que por isso se chama do seu nome. João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, corajosos investigadores dos mares d'Africa; Diniz Fernandes que descubriu Cabo Verde, que assim chamou pela mostra e parecer que então lhe viu; Nuno Tristão que foi o descubridor da ilha das Garças e que morreu pelejando com os negros de Cabo Verde; Gonçalo Velho que descubriu os Açores, e muitos outros de grande nomeada. Era esta a primeira vez, e porventura a unica, em que tão extraordinario numero de navegadores apparecia ao mesmo tempo em uma so nação.

O infante D. Henrique, terceiro filho d'elrei, havia estabelecido a sua residencia na villa de Sagres, no reino do Algarve, logar que decerto escolhêra por mais adequado a suas proveitosas contemplações, diligencias e descubertas; e era d'ahi que elle via os navios portuguezes navegarem para os destinos que por elle ou por elrei D. João lhes fôra indicado.

Pelos fins do mez de janeiro de 1421, estavam tres mulheres reunidas em uma miseravel cazita, nos arrabaldes de Sagres, e fiavam silenciosamente juncto da lareira á luz vacillante de uma candéia. O silencio era sepulchral, e so de espaço a espaço se ouvia o sibillar do vento ou os pios lugubres e monotonos que a solifuga cornja soltava do topo da torre da egreja vizinha. Mas, ao correr o sino de vesporas, a mais edosa das tres mulheres se levantou repentinamente, e assim fallou:

— Faz hoje quatro annos, minhas filhas, que a éstas mesmas horas, João Morales, vosso pae se apartou de nós para embarcar — que terrivel separação foi essa. — Por muito tempo aguardei o seu regresso e me embalei com frivolas esperanças, mas hoje, hoje... ai de mim! ja todas se desvaneceram... Minhas filhas ja não tendes pae — e que bom pae que elle era — a morte poz termo a seus dias, la no meio do Oceano, ou talvez em alguma praia longiqua, privado dos carinhos de sua esposa e dos osculos de suas filhas... Mas ja que não assistímos aos seus ultimos momentos roguemos a Deus pela sua salvação eterna.

E a mãe e as duas filhas ajoelharam todas cheias de pranto, e recitaram o psalmo *Domine Deus audi nunc orationem mortuorum Israel.*

Apenas haviam findo o primeiro versiculo, quando a porta subitamente se abriu, dando entrada a um homem. Apezar de um manto branco com um capuz que lhe escondia parte do rosto, e apezar das longas e espessas barbas que lhe occultavam as feições, as tres mulheres pareceu-lhes reconhecerem João Morales; mas a corrente de vento que se introduzia pela porta da cabana apagá a a luz da candeia, e não lhes permittira certificarem-se da identidade do recem-chegado.

— Sancta Maria do Valle. — É a alma de João Morales que torna do outro mundo, gritou a mãe, cheia de terror.

— Não, Brites, atalhou o desconhecido; socega, é teu marido que está fallando... é elle em corpo e alma, a quem a providencia salvou dos naufragios e do captiveiro. — Anda accende a candeia, que as quero abraçar a todas.

Passado o primeiro momento de surpresa e prazer; a filha mais velha disse para João;

— Cuidavamos que não mais nos tornariamos a ver, meu pae.

— Decerto, continuou a outra, ja não haviamos um so momento de descanço, pensavamos que perdido vos haviamos para sempre n'este mundo. Bastantes vezes nos fomos assentar á beira do mar, interrogando com os olhos o immenso Oceano e pedindo ao ceu que vos restituisse aos nossos votos, e quando á noite voltavamos para casa todas as nossas esperanças se tinham desvanecido.

— Por bem pouco estive para não mais vos tornar a ver, redarguiu Morales; julguei por muito tempo que não poderia tornar a abraçar mais minha mulher e minhas filhas, que ja não veria outra vez a minha patria; padeci tormentos inexplicaveis, porém a noite de hoje de todos elles me faz esquecer.

— Ora dize me, d'onde é que vens? perguntou Brites.

— Das masmorras de Marrocos.

— Então estiveste captivo?

— Faz hoje seis dias que ainda era captivo d'esses perros malditos... Enfastiado da minha sorte mesquinha tentei evadir-me a todo o custo. Consegui-o finalmente como por milagre e atravessei o mar em um fragil batel. A esperança de vos tornar a ver redobrou as minhas forças; demais, lembrava-me de quanto o meu auxilio se vos tornaria necessario e das precisões que decerto havieis de soffrer durante a minha ausencia; além do que, tinha pressa em vos dar a conhecer a todos um segredo de que sou o unico possuidor e que nos hade tornar podres de riccos. Aqui tendes um pobre piloto, que hoje regressa á sua patria cheio de padecimentos e quasi nu, pois olha, esse piloto vai fazer um grande serviço a Portugal. Amanhan contarei tudo, por hoje não posso, tenho precisão de descanço e faltam-me as forças para emprehender uma narração um tanto longa.

Foi somente na manhan seguinte que Morales contou á sua familia, os motivos que o haviam feito estar por tão longo tempo d'ellas afastado.

« Como muito bem sabeis, disse elle, foi na primavera do anno de 1417 que eu parti como piloto abordo de um navio, com destino a Inglaterra, onde aportámos com uma feliz viagem. Achando-me uma noite no caes de Bristol, chegou-se a mim um mancebo e me disse éstas formaes palavras:

— « Chamaes-vos João Morales e sois piloto?

— « Sim, meu cavalheiro lhe respondi eu.

— « Tem-me gabado muito o vosso merecimento e experiencia, continuou elle. Quereis conduzir a Cadiz uma goleta que afretei?

— « Estou sempre prompto para servir o meu proximo em tudo quanto possa. Então quando nos fazemos de vella.

— « Ésta noite mesmo.

— « Ésta noite. Por Deus! que me parece isso loucura... A noite está pessima e o vento inteiramente contrario.

— « Não me importa nada: os meus negocios exigem que deixe hoje mesmo a Inglaterra. E tu se me queres acompanhar pagar-te-hei como um principe.

« Ora, apezar da sua precipitação se me tornar al-

gum tanto suspeita, a ideia de vos tornar a ver — a ti minha Brites e a vocês minhas filhas — o desejo de augmentar o dinheirito que vos trazia, me determinou emfim a seguir o mancebo para bordo da goleta, que estava á capa obra de uma milha afastada da costa. E largámos logo que o barco que nos conduzia foi inçado aos gigantes. O vento soprava S. S. E. fazendo suas pequenas mudanças de quando em quando. Navegámos com vento em cheio, porém dentro em pouco o vento que até alli fôra prospero, posto que não mudado, era ja mais tempestade que monção, e obrigou-nos a arreiar as vellas latinas para inçar as quadradas e as gaveas volantes. A nosso pezar nos afastámos da direcção que pertendiamos tomar, e fomos obrigados a fugir diante do temporal sem governo. A borrasca continuou durante o dia seguinte, e nos desarvorou o mastro da mesena; por treze dias vogámos ao acaso, inteiramente perdidos no deserto oceano. Finalmente na manhan do decimo-quarto dia avistámos terra — uma terra cuberta de verdura e flores; alguns passaros de linda plumagem vieram poisar nas nossas vergas, e muitos animaes desconhecidos sahiam dos espessos bosques como para nos contemplar. Era o paraiso, minha Brites, — era o paraiso com todos os seus encantos!

«Roberto Masham nosso capitão, mandou que saltassemos em terra, e foi elle o primeiro que desceu á canôa: juncto d'elle ia uma mulher que eu ainda não tinha visto, pois até aquelle dia nunca sahíra do seu beliche. Era muito palida e debil; parecia padecer terriveis pezares. Pobre mulher! a sua vida tinha sido igual á de tantas outras que por ahi ha; um amor d'infancia, uma inclinação contrariada, um casamento d'interesse, um rapto, um attentado contra a fé jurada... Mas, oh! meu Deus! os dois criminosos expiaram bem depressa o seu crime — morreram! — Os infelizes escaparam da tempestade; mas foram dar a ossada a essa praia deserta. Anna Dorset, que assim se chamava a mulher foi quem primeiro succumbiu; Roberto a seguiu em poucos dias e ambos repousam n'essa longiqua ilha.

«Depois de lhes havermos prestado os derradeiros deveres da humanidade, tornamos a embarcar, um terrivel furacão porem foi dar com o nosso navio á costa na Barbaria. Metade da companha foi ingolida pelas ondas, e ca nós outros agarramo'nos como podemos a alguns restos do navio que andavam boiando, e foi assim que conseguimos ganhar a praia onde os mouros estavam ja esperando por nós. É hoje a primeira vez que posso pensar nos tormentos porque passei n'esse maldito captiveiro! Mas parece que Deus me conservou a vida para não deixar inhabitada essa ilha cuja derrota eu so conheço. Sem duvida o Senhor me escolheu para a indicar aos meus compatriotas, para engrandecer com uma nova conquista as possessões portuguezas, para augmentar as riquezas da minha patria, e para me adquirir juncto com uma posição brilhante, um nome indelevel na historia.»

João Morales pronunciou éstas palavras com muito enthusiasmo, e sua mulher que ao principio tentara contrarial-o, adheriu aos seus projectos julgando vêl-o ja commandante de uma caravella e descubrindo qual outro Marco Paulo uma nova ilha de Cipano.

— Approvo os teus projectos, disse ella finalmente, posto que elles nos vão outra vez separar. São dignos de um bom patriota, d'um homem honrado. Porém estás tu bem certo da posição que occupa essa ilha desconhecida.

— Se eu estou certo perguntas tu? replicou Morales tirando do gibão um pergaminho; olha, aqui está o plano que tracei. Ésta ponta é o cabo de Sagres, aonde agora estamos, ao S. E. são as costas da Barbaria. Se as seguirmos encontraremos a embocadura de um riacho a que chamam o Muleya, sitio este que eu conheço como os meus dedos porque foi ahi que os malditos musulmanos nos assaltaram... Ora olha não vês para o lado do O. aquelle circulo que eu risquei, pois é a minha ilha — a ilha que descubrimos. — Faze de conta que partimos d'aqui, de Sagres, seguindo rumo para o S. O. vamos dar direitinhos ao meu domínio.

— Primeiro que tudo, retorquiu Brites, é mister sollicitar a elrei uma audiencia, ou talvez fosse melhor pedil-a ao nosso infante, que é quem mais se interessa por esses negocios la do mar.

— Ja tenho estado a reflectir n'isso, e vou empregar hoje todo o sancto dia em fazer um memorial. Anda vai depressa buscar-me o tinteiro que estou mesmo com muita pancada para a cousa, e sempre ouvi dizer que em quanto o vento sopra é que é molhar a vela.

(Continúa.) *T. Oom Junior.*

POESIA.

704 Sr. Redactor. — Tenho para mim que se em vez de desprezar-mos a litteratura hispanhola, a cultivassemos, muito ganhariamos; não so porque n'ella ha que admirar, como porque não succederia irmos perdendo de dia em dia o character de originalidade peninsular, tam bello, com a quasi exclusiva leitura dos livros francezes; a traducção irreflectida dos quaes, como ja fiz ver, prejudica a elegancia da nossa lingua, pela sua diversa natureza e structura: e é uma vergonha, que por mal intendido orgulho de nação, se tal é a causa, queiramos viver assim separados em assumptos d'estes de uma nação tam vizinha, e tam irman da nossa! Por mim pouco poderei fazer para estabelecer este commercio, que reputo de reciproca vantagem; tenho porém a fortuna de ver que pessoas instruidas de ambos os paizes vão conhecendo ésta necessidade, e espero que inda a verei satisfeita.

Para prova da sinceridade dos meus desejos, darei um juizo succinto de uma obra que ha pouco sahiu dos prelos de Madrid, com o titulo 'Poesias de D. Julian Roméa' insigne actor, e não menos insigne poeta, que acaba de enriquecer a sua patria com essa bellissima collecção de composições poeticas, a leitura das quaes me foi sôbremaneira agradavel. A instrucção que o A. manifesta, a sua natural propensão para a poesia como denota a fluidez e harmonia de seus versos, o escolhido do assumpto, e o modo delicado e moral de que se serve, e que mais que tudo nos agrada, e forma isso que se diz o *gôsto;* tudo possue em grau elevado o Sr. Roméa. Aquelle novo genero de poesias lyricas com o nome de meditações ou harmonias, ou o que quer que sejam, devido a Lamartine, e que eu reputo como sendo o que com mais propriedade representa as tendencias do espirito humano n'este seculo, aquelle novo genero é o que seguiu o illustre poeta; conhece-se mui bem que tem lido, e se deixou

apoderar do espirito, da intima harmonia do primeiro poeta da França: mas não o copiou; que o não precizára fazer quem possue talento como o A.; antes as suas descripções e imagens são mui naturaes, e inteiramente hispanholas, e por tanto bellas; colheu somente d'aquelle o que devia, e foi bom que approveitasse o gôsto pelo genero, que o illustre poeta creára. Não deve carecer de imagens alheias o trovador das hispanhas, onde o solo da patria, e o seu azul e transparente ceu lh'as fornece a cada passo; e que mais fôra preciso para incendiar a imaginação mais vulgar, quanto mais a de um poeta peninsular, do que a vista das suas irmans, dignas d'inspirar os deuzes?

Devo fazer especial menção das peças que mais me impressionaram, não querendo com isto dizer que as demais não sejam tam boas; mas é este o meu gôsto. 'A un lucero, Mi esperanza, A Elvira, Ella, A mi hijo dormido, A..., A Saragoza; cujas últimas duas traduzi, d'inthusiasmado que fiquei ao lêl-as. Tambem devo accrescentar que achei excellentes as traducções principalmente as duas 'Roma moderna, e o Psalmo CXXXVI'.

Talvez por não poder avaliar bem as bellezas da lingua, o que não admira em um extrangeiro, faça com que nem sempre incontre agradavel a prática dos poetas hispanhoes, e que o A. por vezes adoptou, de fazer quadras de versos octosyllabos, ou de rendondilha, sem rima: talvez pelo costume de sempre as lêr em portuguez, e creio que na maior parte das linguas, rimados, pelo menos dois dos versos de cada quadra, me cause ésta extranheza, que todavia me não julgo com direito a fazer valer, censurando aquella prática.

Ponho remate a este artigo pedindo a todos os amadores das lettras de ambos os paizes peninsulares se decidam de boa fé a estabelecer entre si commercio das suas producções, ja vertendo nas suas linguas as composições uns dos outros, ja dando juizos, e trocando as obras, e sobre tudo concorrendo para que se estabeleçam ao menos em Lisboa e Madrid mercados do nosso commercio: eu inceto o caminho com este pequeno eshoço, e com a seguinte versão, que offereço para as columnas da REVISTA.

Lisboa junho — 1846.

José Osorio.

—

A SARAGOÇA.

Salve, nobre cidade e valorosa,
Cuja fronte gloriosa
De louros adornada se alevanta!
Tu, que na guerra sancta
Da independencia nacional te alçaste,
E á aguia sobranceira
Vedaste na carreira,
E o seu tremendo ataque repulsaste!
Tu, que sem outras armas
Que o peito de teus filhos por escudo
Voaste á victoria,
Chegando os cumes a escallar da glória,
Saragoça immortal, eu te saudo!
E ao contemplar meus olhos
Essas desfeitas torres,
Tua fragil muralha derribada,
No proprio sangue e do francez banhada,
Teu valor tam heroico
No peito incendiado
Vivo se representa,
E ao coração acode arrebatado
O sangue aragonez que me alimenta.
De sancto e nobre orgulho me apodero
Ao recordar que em sua nobre ruina,
Padrão de glória da hispanhola audacia,
Não inveja o Portilho e Sancta Engracia
Palmas de Marathona e Salamina.
Á sombra deliciosa
De teus álamos brancos reclinada;
Do Ebro caudaloso
Pelas correntes limpidas banhada;
De mirtos rodeada, que moviam
As auras do Moncayo,
E de botões mimosos que se abriam
Do sol nascente ao amoroso raio;
Feliz matrona, em paz, e descuidada
Nos braços de teus filhos repousavas,
E em tua fronte candida ostentavas
Tua corôa então ja sublimada.
Um grito derepente
A ti chegou de inexperada guerra,
Unido ao que fremente
Baixou da alta serra
Tremendo a públicar que extranha gente
Vai profanar a tua nobre terra:
Como o trovão medonho
Ao relampago segue, ao triste grito
O terrivel rodar segue apressado
De trens e de canhões,
E o rudo galopar de mil cavallos,
E o marchar de apertados batalhões.
«Alto, á lide; traição! a mim, meus filhos
«Hispanha e liberdade!» tu gritaste;
E acudiram suas almas generosas,
E sôbre suas frontes valorosas
A sancta cruz do salvador alçaste.
Dignos de ti vieram
Os que teu brio accommetter ousaram,
Que a tal não se attreveram,
Nem diante de ti se apresentaram
Com a fronte serena,
Sem antes ter a Europa avassallado,
E suas aguias d'oiro ja ornado
Dos verdes louros de Marengo e Jena.
Maior é assim tua glória:
Esses que viram, como arbustos debeis,
Os reis cahir, e sceptros, e nações,
Vencidos nas conquistas quasi incriveis
De seus disciplinados esquadrões;
Com assombro e respeito
Admiram teus filhos,
Que entre o clamor tremendo da batalha,
E do tambor o toque repetido,
E ao rugir espantoso da metralha,
E do que expira ao funebre alarido,
E ao estalar terrivel
Do tecto desprumado,
Antes da vespora da noite larga,
Tranquillo o coração, o peito ousado,
Em confuso montão correm á carga-
E uma vez, e outra vez, o duro ataque
De tropas aguerridas rechaçando,
E um muro de destroços e cadaveres

Em a rasgada brecha levantando,
Tu aos povos assombras,
Que em ti seus olhos poem.
E de Entenza, e de Flor, as nobres sombras
Sua glória immortal em ti depoem.
Os teus heroicos filhos
Ah são dignos irmãos d'esses que cut'rora
Com incrivel arrojo,
A fome e o cançaço desafiando,
Tremer fizeram a Bizancio altiva,
Té ás barreiras de Aragão chegando.
Eterna viverás, ó Saragoça!
E para povos que em futuros tempos
Opprimidos se sintam,
E nas formosas paginas da historia
Teu valor sem igual leam escripto,
De sancta guerra e de futura glória
Será teu nome illustre o honrado grito.
Sim, ja em nossos dias
Outra cidade ousada
Teus exemplos magnanimos imita:
P'ra o jugo sacudir que a traz sem vida,
Entre rios de fogo moscovita,
A teu nome immortal Varsovia lida.
Ah! honra a ti, que em tam horriveis provas
Tua fama eternisaste,
E briosa ganhaste
De invicta o nome, que glorioso ostentas.
Sim; invicta, invencivel;
Que se teu puro solo emfim pizaram,
Foi porque sôbre ti junctos cahiram
A peste, o fogo, a fome,
E nas intranhas tuas se fartaram:
Do ceu estes rigores te prostraram;
Que as fôrças d'homens nunca sos poderam.

Lisboa, junho — 1846.

José Osorio.

BELLAS-ARTES.

NOVA ESCHOLA DE ARCHITECTURA.

ANNUNCIO.

705 Curso de architectura civil, theorico e prático, completo em cinco annos de estudo para os principiantes, e em tres annos para os discipulos que tiverem ja conhecimentos geraes d'estes estudos; o qual será ensinado por um methodo facil e novo entre nós, e conforme os progressos das sciencias, em relação com os differentes ramos de construcção. Igualmente obriga-se o professor d'esta eschola a mandar por conta da mesma, pelo espaço de dous annos, aos reinos extrangeiros, os discipulos que pelo seu exame geral no ditto curso merecem o primeiro premio, para n'esses paizes acabarem de se aperfeiçoar.

Quem quizer aprender, ou completar estes estudos com a vantagem de obter em tão limitado prazo os conhecimentos indispensaveis para poder exercer com credito ésta nobre profissão, e ter a facilidade, sem sacrificio proprio, e de ir estudar nos monumentos antigos e modernos as bellezas dos melhores modêlos: poderá dirigir-se ao 'Gremio Litterario', na rua do Duque de Bragança n.º 26, 1.º andar, todos os dias, desde as dez horas da manhan até ao meio dia, para examinar o programma dos estudos, e saber com que condições se acceitarão os discipulos; declarando-se desde ja que a retribuição pecuniaria é pouco mais, comparativamente, do que se costuma dar aos mestres do ensino primario: pois que este curso não é para nenhuma especulação, mas tão somente para utilidade da mocidade, que em nossa patria se dedica a ésta tão honrosa, como scientifica profissão; e auctorizado pelo artigo 2.º § 1.º dos estatutos do mesmo, Gremio Litterario.' (1)

VARIEDADES.

MODAS.

706 Eu creio piamente que o número das senhoras bonitas augmenta todos os dias em Lisboa. Quasi que se póde dizer que ja não ha creanças feias; e isto leva-me a adoptar a opinião d'alguns celebres anthropologos que acreditam na perfeição physica da especie humana á proporção que se vão adoçando os costumes e refina a civilização, como mais d'espaço talvez ainda diga na Revista. Mas seja como fôr, ou isto seja realmente uma verdade, ou uma grata illusão, o que é certo, indubitavelmente, é que a mudança dos trajos para claros e leves, influem muito na elegancia dos corpos das senhoras, se não é, como tambem póde ser, que ésta estação influa em nós ainda maior sympathia para ellas... Vamos porém ao que mais importa, que é dar algumas indicações para as modas da estação.

A influencia ingleza parece ir sendo cada vez mais fortemente exercida nos costumes e gostos das outras nações. Em Paris ja ésta influencia se nota no modo de trajar, principalmente nos homens, e particularmente nos chapeus das senhoras. Mas algumas d'estas modificações não destruem a regra geral de vestidos de roda grande com dois folhos muito largos, meias-mangas, guarnecidas de renda, cintura comprida, corpo pouco degotado e franzido, guarnecido de renda em roda do degote, á imitação das meias-mangas, cabello impastado, mantelete branco bordado, sombrinha de seda branca, chapeu de palha com flores. A musselina é a fazenda mais adoptada para vestidos. As fitas de gaze usam-se muito, principalmente nas mangas e na cintura com grandes pontas fluctuantes. As cores que mais se veem são, rosa, azul, e algum verde; não fallando no branco que leva a palma a todas e cada vez se usa mais; até agora os homens deram em preferir furiosamente a calça e colete branco, a todos os outros modos de variar o vestuario.

Ja que vim, sem querer, a fallar nos homens, repetirei, como ja acima disse, que o seu trajar hoje em Paris é todo da *fashion* ingleza; cazaquinhas, fraques, nizas, ou não sei como lhes chame, curtas, d'abas largas, muito á vontade, de golla larga, manga curta; colete comprido, direito, sem gola quasi, e com grandes algibeiras; calça larga sem presilha, çapato de polimento com roseta, chapeu de castor branco quasi que sem abas, baixo e pouco largo. Aqui estão uns palhaços, que na Inglaterra farão, póde ser muito boa figura, com aquelles corpos inglezes altos e

(1) A este respeito fica n'esta redacção um artigo de penna que presâmos, o qual publicaremos no seguinte numero, porque não coube no possivel ser n'este.

magros, mas ca em Portugal, seguramente, que hão de sempre produzir mau effeito similhante trajar em nossos corpos.

Esperava-se em Paris uma innovação importante, ou antes renovação de um trajo do decimo-terceiro seculo, na *toilette* das senhoras, se isso chegar a verificar-se serei breve em o participar ás minhas amaveis leitoras. Eu inclino-me muito a este gôsto retrogrado de vestuario: as senhoras eram com os antigos trajos mais magestosas e respeitaveis, os homens mais graves e decentes. Os trajos modernos fazem das senhoras... não fazem nada mau, porque ellas de todo o modo são incantadoras; mas dos homens fazem sem dúvida uns manequins muito desemxaividos.

CORREIO EXTRANGEIRO.

707 A nova academia das sciencias creada em Vienna, produziu n'aquella capital uma grande e favoravel impressão. A installação devia ser a 16 de julho. A academia terá quatro secções: linguistica, historia, sciencias-naturaes, bellas-lettras. É excluida a philosophia. Ésta academia é dotada generosamente: os seus membros terão um ordenado de 1,500 florins, o presidente 3.000, e o secretario 2,500. O resto da dotação fica destinada para a publicação de obras, discussões etc. Todos os academicos são elevados á classe de conselheiros do govêrno.

A cidade de Montbard, patria de Buffon, teve a feliz idéa de levantar uma estatua á memoria d'este grande homem. Luiz Philippe, a familia-real, o ministerio, e outras muitas pessoas se teem associado para ésta obra nacional.

Morrem todos os annos em Paris 27,000 pessoas; 11,000 nos hospitaes, e 7.000 são interradas como indigentes. Diz-se que uma parte d'estes morre em resultado dos maus alimentos, e tem-se observado que em 1789 quando Paris tinha apenas 700,000 almas consummiam-se 50 milhões de kilogrammos de carne, e hoje que conta quasi um milhão de habitantes consomme apenas 59 milhões de kilogrammos.

A commissão de leitura (que dá o seu voto sôbre admissão ou regeição das peças) do theatro francez, foi augmentado com seis membros mais, dois deputados, dois homens de lettras e dois jornalistas.

Os estados pontificios occupam hoje uma superficie de 6,750 milhas quadradas, com uma população de 2,908,115 habitantes, e mais de vinte milhões de cruzados de rendimento annual. O exercito consta de 14,680 homens, não entrando 6,000 homens de reserva, e 3,000 de guarda-civica. O territorio é divido em vinte districtos.

Le-se na *Semaine*, jornal francez, de 28 do passado: «O diamante da coroa de Portugal que pésa 140 carats; 3 e carats mais que o chamado *regente*, da França, diz-se que acaba de chegar a Paris, empenhado a certo banqueiro. Affirma-se que este bello diamante terá no mercado um valor de 3,500,000 francos.»

Construiu-se em Londres uma igreja fluctuante. É summamente curiosa a architectura d'este navio de nova especie. É chato por baixo, a popa é quadrada, e so a proa é do feitio ordinario. Tem 23 metros e 70 centimetros de comprido, e 7 metros de largo. A altura da igreja é de 5 m. e 20 cent., com uma cupula no meio do tecto d'onde vem a luz; oito columnas de ferro sustentam este tecto. Esta igreja póde conter 700 pessoas: ainda se ignora o seu destino.

CORREIO NACIONAL.

708 *Surdos-mudos.* — No logar da freguezia de Carvide, concelho de Leiria, existe uma mulher, por nome Anna, e o marido Antonio Pereira, com cinco filhos, sendo tres surdos-mudos, de nascimento. O mais velho, Luiz, de 15 annos, Francisco, de 6, e João de 4. — Eu mesmo tive a curiosidade de ir inquerir a ditta mulher sôbre este facto, que me parece muito extraordinario, e quiz certificar-me á vista dos tres entes infelizes, e por signal que o mais velho voltava do campo, alli perto, com um feixe de erva á cabeça, e vinha *grunhindo* muito, aos uivos, com outra irmanzita, das que fallam, e essa é de mais; e que ja antes me tinha satisfeito a todas as mesmas explicações que a mãe me repetiu. Para ahi ficam pois essas desgraçadas creaturinhas, absolutamente sem esperança em sua tristissima condição, sem um estabelecimento permanente de caridade, que lhe podesse minorar ao menos o rigor de tão malfadada sorte! — O tal mais velho, diz a mãe, que é muito lesto e tem comeffeito muita perceptibilidade, que os outros ainda não podem manifestar, e parece que não seria mui dificil fazel-o articular alguns sons intelligivelmente.

Marinha-Grande 4 de julho de 1846. *Felix Baptista Vieira.*

Os consules portuguezes em Singapura e Argel, participam: que n'aquelles portos e na provincia de Orão; tiraria o commercio portuguez grande vantagem da importação dos seguintes generos: sal-preto, sal-branco, chapeus de feltro e de seda, laranjas, ovos, aves domesticas, sebolas e fructas.

Por sentença do tribunal do commercio de primeira instancia foi declarada em estado de quebra a casa do commercio d'esta praça, que negociava debaixo da firma de — Viuva Moller e Filho — a contar de 30 de maio último.

Ensaia-se no Theatro de D. Maria II uma comedia do Sr. Cascaes, auctor do *Valido* e do *Castello de Faria*, intitulado: *Geraldo Semsabor*, ou a *noite de Sancto Antonio*. Ouvimos que é uma peça de costumes nossos, com algumas scenas muito comicas.

O Sr. Duque de Palmella acaba de fazer uma plantação muito importante de amoreiras nas suas propriedades do Calhariz. Foram setenta e cinco mil as arvores plantadas, vindas d'Italia, e quasi todas pegaram e ouvimos que a despeza não excedêra a trinta e tantos réis cada pé! Parece que o Duque tenciona

encher de amoreiras uma vasta porção de terreno, que se diz podêr levar mais de um milhão d'arvores.

Por decreto de seis do corrente, é concedido aos Sr.s Claudio Adriano da Costa e José Detry, privilegio d'invenção por quinze annos, de um novo apparelho para a fabricação de gaz de illuminação.

A alfandega grande-de-Lisboa, a das Sette-Casas, e a do Porto, produziram no anno de 1845 a somma de 4.594:202$358 réis.

No mez de junho último despacharam-se na alfandega das Sette-Casas: para consummo 1,694 pipas de vinho e 279 d'azeite; 26.539 arrobas de carne de vacca, 22 de porco e 1,571 de vitella e carneiro; e fructas e vegetaes no valor de 18:255$500 réis: para exportação, 3.047 pipas de vinho. Os direitos d'estes generos produziram 51:764$450 réis.

No dia 15 do corrente findou o prazo do privilegio de uma nova invenção de fechaduras, que em igual dia do anno de 1841, fôra concedido ao Sr. Domingos de Sancta-Agatha.

Por decreto de 9 do corrente se ordena que seja gratuita para os particulares a amoedação na Casa-da-Moeda do oiro e prata que para tal fim elles ahi apresentarem.

No dia 12 entrou paquete de Inglaterra com folha, de Londres até 7 e de Paris até 5. Parece que Cobden fundador da liga dos cereaes, teria feito parte do novo ministerio inglez se não fôra o mau estado de sua saude. No emtanto os seus grandes serviços ao paiz foram de algum modo galardoados pela offerta de uma avultada somma na occasião da dissolução da liga. Os fundos portuguezes continuavam a 49.

O preço dos generos no mercado de Montemor-o-Velho, na 1.ª semana d'este mez, eram os seguintes: trigo, 450 réis; milho, 240; feijão, 260; cevada, 160; favas, 360; batatas novas, 160; centeio, 480. Mencionâmos so os preços mais altos.

Temos o gôste de annunciar que em satisfação dos nossos desejos ennunciados no antecedente número da Revista, está aberta uma subscripção para erigir um monumento ao Sr. Silvestre Pinheiro, de que é thesoureiro o Sr. José Ignacio d'Andrade. Confiâmos em que este pensamento será depressa realizado pelo concurso de todas as pessoas que presam os talentos, as virtudes e a glória da sua patria.

As noticias d'Angola alcançam até 9 de maio último. Havia em toda a provincia perfeito socego. No porto de Loanda estavam anchorados o brigue de guerra — Mondego — e as escunas — Tamega — e — Nympha — tendo sahido a corveta — Urania — para o cruzeiro da Costa Occidental. A corveta — Relampago — do commando do capitão-tenente d'armada, Rodovalho, tinha feito duas prezas no rio Ambrizete, que foram julgadas boas pelo respectivo tribunal. Os navios negreiros aprezados, foram: a summaca brasileira — Lealdade — e o brigue — Espirito-Sancto — que tambem usava de bandeira brasileira.

No presidio de Cambamba, um negociante chamado Francisco Machado Pinto, tinha alli começado a cultivar o annil, e a ensaiar a sua manipulação: remetteu ao governador geral da provincia uma amostra da tinta, que conseguira extrahir do annil manipulado, a qual foi submettida ao exame dos peritos, e estes acharam, que a qualidade primitiva da planta era excellente, e riquissima em materia colorante da primeira qualidade: todavia por não estar fabricado com a maior perfeição, fizeram-no purificar, do que resultou ficar perfeito. Do Boletim do Governo d'Angola n.º 35, vimos, que ésta experiencia foi justissimamente auxiliada pelo governador, que remetteu ao benemerito negociante todos os esclarecimentos necessarios, para elle aperfeiçoar o fabrico d'esta planta, que, como se sabe, forma de per si um ramo de commercio, e por isso as duas nações da Europa, que tem colonias, abastecem com ella os mercados Europeus.

Acha-se em Lisboa um dos primeiros artistas do mundo, e talvez o primeiro rabequista da Europa — o Sr. Rossi. — Dizemol-o com toda a convicção porque acabâmos de o ouvir na 'Assembléa-Philharmonica' ensaiando uma phantazia sôbre um motivo da Opera o *Juramento*, que alli hade tocar no concerto de amanhan. Depois de Listz nunca em Lisboa se ouviu um instrumentista de tamanha fôrça. A expressão com que toca o Sr. Rossi é de uma alma de verdadeiro artista, a sua execução principalmente na quarta corda, é admiravel. Ahi ouvimos dizer a professores que escutaram Paganini — o rei dos rabequistas — que n'este ponto o Sr. Rossi o imitava perfeitamente. Este artista ja celebre, parece ter apenas 20 annos, é natural de Bolonha, e diz-se que começára a tocar no seu instrumento da idade de 8 annos. O Sr. Rossi parece que tenciona dar um ou dois concertos n'esta capital; não hesitâmos em assegurar que o público todo que tiver a fortuna de o escutar hade ser enthusiasmado como nós realmente fomos.

Hontem (13) foram executadas na igreja do Loretto as exequias do Summo Pontifice Gregorio XVI. Assistiram Sua Magestade El-Rei, a Sr.ª Duqueza de Bragança, a Serenissima Sr.ª Infanta D. Isabel, o ministerio, o Corpo-diplomatico, o Cabido, e muitas pessoas de distincção. Celebrou missa pontifical de *requiem* o Exm.º Cardeal Patriarcha, e S. Ex.ª o Arcebispo Internuncio, recitou em portuguez o panegyrico de Sua Santidade. A musica da missa foi a de Mozart, executada por todos os musicos da Real Camara e da Se de Lisboa. As absolvições pontificaes foram da musica do nosso distincto Compositor Leal Moreira, obra classica no seu genero.

M.elle Anguinet dará as suas últimas representações de magia no theatro da Rua-dos-Conde, sabbado 18, e quarta-feira 22 do corrente. A interessante prestigiadora executa os seus jogos physicos com habilidade, destreza, e alguns com bella illusão; faz-se ainda recommendavel pelo modo franco e gracioso com que se dirige ao espectadores '*Maintenant... pas d'avantage.*'